

COMBATE À POBREZA

Estudo de organização não-governamental mostra que um em cada três indígenas passa fome. Lideranças vão apresentar programas sociais exclusivos ao presidente eleito. Também querem ter acesso ao bolsa-alimentação

Índios pedem socorro a Lula

Cristina Ávila
 Da equipe do Correio

Cicero Faria / Correio do Estado

Os índios vão apresentar uma proposta para combater a fome nas aldeias ao presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva. Eles querem soluções para os problemas que são comuns a todos os brasileiros, como saúde e educação. O pedido, entretanto, carrega uma urgência maior. Quinhentos anos depois da dominação portuguesa no Brasil, os donos originais da terra compõem o grupo mais miserável da população. Um em cada três índios passa fome, segundo o único levantamento feito sobre o assunto no país pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc).

O esboço da proposta de lideranças indígenas está em discussão com representantes de organizações não-governamentais (ONGs), bancos e órgãos públicos. A devastação de matas e rios destruiu as fontes de alimentos dos índios — distribuídos em 577 áreas.

A primeira reivindicação que levarão a Lula será o acesso à bolsa-alimentação — programa do governo federal que destina entre R\$ 15 e R\$ 45 mensais para famílias pobres com gestantes ou crianças entre zero e 6 anos. Também querem ter direito a empréstimos do Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf), que financia pequenos projetos agropecuários.

O PT está disposto a ouvir. A senadora Marina Silva (PT-AC), cotada como nome forte para ocupar um ministério ligado ao meio ambiente, reafirmou a



CRIANÇAS DA TRIBO GUARANI-KAIOVÁ NO MATO GROSSO DO SUL: RECÉM-NASCIDOS SOFREM MAIS COM A DESNUTRIÇÃO

intenção de manter diálogo constante com as organizações indígenas. “As decisões sobre a política indigenista não serão unilaterais. Ouviremos os índios e todos os segmentos da sociedade diretamente ligados ao assunto.”

Trabalho não vai faltar. São muitos os problemas. O presidente do Conselho Estadual dos Povos Indígenas de Santa Catarina, o kaingang Ary Palia-

no, aponta a questão da terra como central para resolver a falta de créditos para a agricultura. Hoje, eles têm direito ao usufruto das áreas ocupadas tradicionalmente, mas os territórios pertencem à União e não servem como garantia para os financiamentos.

O gerente do Pronaf Reinaldo Pena Lopes, que faz parte do grupo que discute o combate à fome indígena, considera

que o acesso dos índios ao crédito só será possível por decisão conjunta de vários órgãos do governo e de instituições sociais. “A Funai (Fundação Nacional do Índio) pode ajudar na montagem de um fundo de aval, por exemplo, para viabilizar empréstimos dentro do Pronaf.”

O dinheiro não basta. Quando o ambiente em que os índios vivem é degradado, muda

o meio de vida nas aldeias. Porque deixam de existir a caça, a pesca e os frutos das florestas — principais fontes de alimentos dos povos indígenas. Eles precisam, então, se adaptar a outras formas de sobrevivência, ao experimentar tipos de trabalho para os quais não foram preparados. Por isso, muitas tentativas de projetos econômicos em terras indígenas fracassaram.

EDUCAÇÃO INDÍGENA

93 mil

é o número de alunos matriculados na educação indígena no Brasil

76,5%

dos professores que lecionam nas aldeias são índios

1,3 mil

é o total de escolas indígenas

Fonte: Ministério da Educação

Formação precária

No Sul do país, um exemplo clássico do que não funciona com os índios. “Eles foram estimulados a plantarem soja, com resultados desastrosos”, afirma o secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Egon Heck. Ele comenta que em algumas aldeias da região há verdadeiros cemitérios de maquinário agrícola, porque a produção das lavouras foi insuficiente para pagar a manutenção da tecnologia usada.

Reinaldo Lopes, gerente do Pronaf, sugere outras alternativas para financiar a geração de renda entre os índios. “Temos uma linha de microcrédito para atividades como o artesanato, de R\$ 500 por família, que pode ser facilmente acessada porque tem a garantia da União, com recursos previstos no Orçamento”, observa Lopes.

Ele admite, entretanto, que para encerrar qualquer alternativa econômica os índios precisarão de muito preparo. “Não basta que o governo federal ofereça educação indígena nas aldeias. Precisamos da educação do branco, para aprender a dominar as tecnologias necessárias à produção”, afirma Escrawen Sompre, xerente, engenheiro florestal formado e membro da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia. (CA)